



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO-FECAMPO  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

JOSIANE GAIA PORTILHO

**OS SABERES POPULARES DAS PARTEIRAS E BENZEDEIRAS DE UMA  
COMUNIDADE RIBEIRINHA, NA AMAZÔNIA PARAENSE**

CAMETÁ-PA

2023

JOSIANE GAIA PORTILHO

**OS SABERES POPULARES DAS PARTEIRAS E BENZEDEIRAS DE UMA  
COMUNIDADE RIBEIRINHA, NA AMAZÔNIA PARAENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo pela Faculdade de Educação do Campo-FECAMPO, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Graduação, em Educação do Campo, área de Ciências Agrárias e da Natureza, tendo como Orientadora: Profª Drª Maria do Socorro Dias Pinheiro.

CAMETÁ-PA

2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

P852s PORTILHO, Josiane Gaia Portilho.

Os saberes populares das parteiras e benzedeadas de uma  
comunidade ribeirinha, na Amazônia paraense / Josiane Gaia  
Portilho PORTILHO,. — 2023.

32 f.: il. color.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria do Socorro Dias Pinheiro  
Pinheiro

Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do  
Pará, , 3, Cametá, 2023.

1. Saberes Populares. 2. Parteiras. 3. Benzedeadas. 4.  
Ribeirinha. 5. Amazônia... I. Título.

---

CDD 370

JOSIANE GAIA PORTILHO

Data de Aprovação: 09/09/2023

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Orientadora:

Profª Drª Maria do Socorro Dias Pinheiro  
Universidade Federal do Pará – UFPA – Campus de Cametá

---

Avaliador:

Prof. Benedito Mendes Nunes  
Universidade Federal do Pará – UFPA – Campus de Cametá

---

Avaliadora:

Profª Drª Gisele do Socorro dos Santos Pompeu  
Universidade Federal do Pará – UFPA – Campus de Cametá

---

Discente:

Josiane Gaia Portilho  
Graduanda do Curso de Educação do Campo-FECAMPO-UFPA

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>06</b>
<b>1.1</b>	<b>OBJETIVO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>DA</b>
	<b>PESQUISA.....</b>	<b>11</b>
<b>3</b>	<b>RESULTADOS</b>	<b>E</b>
	<b>DISCUSSÃO.....</b>	<b>13</b>
	3.1 OS PROCESSOS DE AQUISIÇÃO DOS SABERES POPULARES DAS PARTEIRAS E BENZEDEIRAS DA COMUNIDADE.....	14
	3.2 AS PLANTAS MEDICINAIS NO TRABALHO DAS PARTEIRAS E BENZEDEIRAS.....	16
	3.3 A IMPORTÂNCIA DOS SABERES POPULARES DA PARTEIRAS E BENZEDEIRAS PARA O CONTEXTO ATUAL DE UMA COMUNIDADE RIBEIRINHA.....	22
<b>4</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>28</b>
<b>5.</b>	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>30</b>

## **RESUMO**

O presente texto trata dos saberes populares das parteiras e benzedadeiras de uma comunidade ribeirinha localizada no município de Cametá, Pará. O principal objetivo do estudo foi analisar os saberes populares no trabalho das mulheres parteiras e benzedadeiras, os remédios por elas utilizados e a importância dessa prática para os moradores da comunidade ribeirinha local. Quanto aos procedimentos metodológicos, os estudos pertencem a uma abordagem qualitativa, na qual se utilizou pesquisa de campo, com leituras bibliográficas, observação participante, uso do diário de campo e entrevistas semiestruturadas. Participaram da pesquisa uma parteira e agente comunitária de saúde, uma benzedadeira e mais cinco mães que utilizaram os serviços das parteiras e benzedadeiras. Como resultados, identificou-se que há registros significativos de seu trabalho na preservação de vidas, seja por meio do parto ou da cura de várias enfermidades. Entendemos que é fundamental cultivar esses saberes, pois, apesar da vasta importância do trabalho das parteiras e benzedadeiras para a comunidade, é necessário preservar esses conhecimentos tradicionais, uma vez que muitos deles estão desaparecendo da cultura local.

**Palavras-chave:** Saberes Populares; Parteiras; Benzedadeiras; Ribeirinha; Amazônia.

## **ABSTRACT**

The present text discusses the traditional knowledge of midwives and healers in a riverside community located in the municipality of Cametá, Pará. The main objective of the study was to analyze the traditional knowledge in the work of midwives and healers, the remedies they use, and the importance of this practice for the local riverside community residents. Regarding the methodological procedures, the study follows a qualitative approach, using field research, bibliographic readings, participant observation, field diaries, and semi-structured interviews. The research included a midwife who is also a community health agent, a healer, and five mothers who have used the services of midwives and healers. As results, significant records were identified of their work in saving lives, either through childbirth or healing various illnesses. We understand the need to cultivate this knowledge, as despite the great importance of midwives and healers for the community, it is essential to preserve this traditional wisdom, given that many aspects of it are disappearing from the local culture.

**Keywords:** Traditional Knowledge; Midwives; Healers; Riverside; Amazon.

## 1. INTRODUÇÃO

O estudo trata sobre os saberes populares de parteiras e benzedadeiras da comunidade ribeirinha de Mapiraí de Baixo, distrito de Porto Grande, município de Cametá, região do baixo Tocantins na Amazônia Paraense. Ele se desenvolveu na região Tocantina, um local que agrega uma importante diversidade de populações que vivem em comunidades tradicionais, dentre os quais se destacam os quilombolas, indígenas, ribeirinhos sendo que muitos destes povos vivem em territórios situados às margens dos rios, no qual vivem em constante dependência da natureza, tendo a pesca artesanal e o extrativismo como principais fontes de renda.

De acordo com Pinto (2012, p. 202) nos povoados negros rurais da região do baixo Tocantins no estado do Pará, Norte da Amazônia, na microrregião de Cametá, desde a formação de antigos quilombos, as mulheres dominam técnicas de curas e utilização de ervas medicinais, cascas, folhas, e raízes que curam diversas doenças. Essa sabedoria popular tornou-as mulheres respeitadas e valorizadas pelos moradores da região.

A região foi marcada pela existência de vários quilombos, muitos deles foram destruídos e outros nunca descobertos e com a ameaça de escravidão esses povos adentraram pelas matas, igarapés como 'fugitivos' e formaram novos povoados. E na formação de novos povoados, a mulher negra sempre esteve presente participando tanto na reorganização de quilombo, na formação e liderança de povoados, nos mais variados modos de se relacionarem com a natureza, quanto na vida dos habitantes.

Sem dúvida desde o processo da colonização brasileira, (Pinto, 2012, p. 206) destaca que 'a mulher africana e suas descendentes vêm marcando presença na história, no desempenho de experiências, com força e poder espiritual'. Diante desse contexto histórico de memórias, as mulheres negras parteiras, benzedadeiras, curandeiras ou experientes, por meio de seus saberes populares, com suas experiências, saberes e vivências cotidianas ajudam na saúde das pessoas.

De acordo com Pinto (2010) as populações tradicionais que vivem próximas às margens do rio são conhecidas como povos ribeirinhos e seu modo de vida tem uma ligação muito forte com a natureza e seus recursos naturais e o termo, população tradicional refere-se às populações que reproduzem seu modo de vida baseando-se

na cooperação social e nas formas específicas de relação com a natureza e o uso dos recursos é feito por eles de forma sustentável.

Na opinião da autora mencionada as populações tradicionais possuem uma rica sabedoria popular e vivem em uma relação de dependência direta com a natureza, pois é dela que retiram seu sustento. Dentre estas populações destacam-se como principais comunidades ribeirinhas, parte da população que vivem às margens dos rios da Amazônia paraense e assumem como sujeitos pertencentes a um coletivo social denominados de extrativistas, indígenas e quilombolas.

A região Tocantina possui uma rica biodiversidade de espécies medicinais como também uma vasta riqueza sociocultural, expressa nas práticas e costumes oriundos da sabedoria popular. No município de Cametá, estão situadas diversidade de comunidades tradicionais rica em culturas, crenças e saberes populares, como destacaremos, os trabalhos das mulheres parteiras e benzedeiras. Os estudos de Pinto (2012), destacam que os saberes populares das parteiras e benzedeiras, apresentam como um trabalho composto de rica experiência apreendida por meio da oralidade:

O modo de cuidar das parteiras e benzedeiras são saberes de bases múltiplas, como experiências, intuição, transmissão de saberes através da oralidade, modos estes que muitas vezes não são válidos pela ciência, mas que são diferenciados apenas na maneira de como foi ensinada e apreendida. A articulação entre diferentes saberes, se baseia em um conhecimento de caráter solidário que reconhece o outro como sujeito, por meio de uma relação de alteridade (Pinto, 2012, p. 442).

É notável que as experiências dessas mulheres salvaram muitas vidas, tanto do ponto de vista do trabalho desenvolvido pelas parteiras, quanto os exercidos pelas benzedeiras, que se caracterizam como saberes ancestrais, trazido da cultura de seus descendentes, associados a uma dependência direta com a natureza e seus recursos.

Pinto (2010) corrobora que as Benzedeira, rezadeira ou curandeira são as mulheres que são dedicadas a curar uma pessoa doente, aplicando sobre elas gestos, geralmente utilizam em suas atividades algumas ervas medicinais, as mais utilizada para benzer são: Vassourinha (*scoparia dulcis*) e arruda (*Ruta graveolens*), obtém poderes sobrenaturais na qual em seus rituais se aplica uma prece, um pedido feito através da oração pedindo a intercessão divina.

Parteiras, são mulheres que, considerando a ausência ou omissão do poder público, principalmente em determinadas localidades, diante da inexistência de postos

de saúde, hospitais e profissionais no atendimento e prestação dos serviços da saúde pública, ajudam outras mulheres no trabalho do parto.

a vida cotidiana das parteiras e 'experientes' nos povoados rurais da região do baixo Tocantins no Pará, toma a mesma direção do rio da vida das demais mulheres que aí viveram ou, ainda vivem. São mulheres que aprenderam com suas antepassadas a desempenhar afazeres tanto no natural, executando as mais diversificadas formas de trabalho, como no plano sobrenatural, benzendo, recitando rezas e invocando encantarias para obter ajuda na hora do parto e curar os males do seu povo. Ainda hoje a presença dessas mulheres nos povoados rurais é indispensável (Pinto 2002, p. 441).

Experientes<sup>1</sup> assim também são chamadas porque obtêm saberes que foram apreendidos por meio da curiosidade e da observação através de seus ancestrais e a região do baixo Tocantins<sup>2</sup> é composta por uma grande diversidade de experientes. Os conceitos dados a elas não definem suas especificidades pois só elas sabem distinguir os valores da sua cultura e de seus saberes.

A benzeção ou benzimento começou a se desenvolver no Brasil ainda no período colonial no século XVII. Para Ribeiro (1997, p. 16) os fatores que propiciaram o seu desenvolvimento foram a precariedade da vida maternal, marcada pela raridade de médicos, cirurgiões e produtos farmacêuticos. No entanto não apenas a escassez de recursos médicos tradicionais propiciou a propagação oral de conhecimento sobre o uso medicinal de plantas, raízes, ervas, essências e orações, mas também um universo mítico rico povoado de lendas, crenças e espiritualidade.

A pesquisa relata a participação das mulheres na realização de partos (nascimento de uma criança), na cura de diversas doenças, curativos de ferimentos graves utilizando remédios naturais, massagens, rezas, cantos, manuseio e conhecimentos empíricos no uso de plantas medicinais em suas atividades, apreendido por meio da observação e das práticas apreendidas através de processos de aprendizagem informal, entendido por Borges (2008, p.23) como saberes

---

<sup>1</sup> Experientes na região é um termo utilizado para identificar pessoas que obtêm conhecimentos através de seus antepassados por meio da observação.

<sup>2</sup> A microrregião de Cametá, a região do baixo Tocantins, é composta por sete municípios: Baião, Mocajuba, Cametá, Igarapé-Miri, Abaetetuba, Limoeiro do Ajuru e Oeiras do Pará.

considerados não científicos, caracterizado pela transmissão dos saberes por meio da oralidade, entre as gerações, nas comunidades tradicionais.

Os conhecimentos populares são saberes considerados não-científicos, mas que se diferenciam apenas no modo de apreender, como é o caso dos saberes das parteiras e benzedeadas abordados nesta pesquisa. No entanto, veremos por meio dos estudos já mencionados, que muitas vezes, os conhecimentos e saberes advindo da cultura popular são ignorados ou não reconhecidos pela ciência que no processo de descaracterização desse conhecimento, considera-o como um saber inferior, sem validação em relação ao saber científico.

Na continuidade do raciocínio de Borges (2008) identifica-se a importância do diálogo entre os saberes, para que se obtenha complementação de ambos, associando-se que os conhecimentos empíricos são saberes considerados não-científicos, que nascem de outras bases do conhecimento que é a experiência vivida na prática cotidiana de muitas pessoas. Sobre esta situação, consideramos o pensamento que diz:

Embora se construa um pensamento para o respeito do saber comunitário, isso não implica em uma desorientação em relação aos saberes científicos, mas sim que exista um equilíbrio nas relações entre esses saberes, para que assim surja a possibilidade da existência de um rumo para uma sociedade mais humana e reflexiva (Freire, 1996, p. 23).

As reflexões trazidas por Freire nos remetem a um pensamento, de que não existe um saber pronto e acabado. Os saberes e conhecimentos não ficam estagnados no tempo, ao contrário estão em movimento constante e sofrem pela própria dinâmica da vida diversas modificações, assim como o saber científico que, a cada novo estudo se apresenta novas descobertas.

Esse debate nos faz identificar que o conhecimento em suas diferentes dimensões, se apresentam como espaços de disputas, e, neste caso especificamente tanto o conhecimento empírico quanto o científico encontram-se nesta encruzilhada dentro da própria vertente como na relação entre um e outro. Ao considerarmos as reflexões originadas no viés da cultura popular algo nos despertou para conhecer a partir da cultura da comunidade de Mapiraí de Baixo: Que saberes e conhecimentos são desenvolvidos no trabalho das mulheres parteiras e benzedeadas local? Em vista da problemática, é que se formulou as seguintes questões norteadoras: 1) Como os saberes populares das parteiras e benzedeadas foram adquiridos? 2) Quais remédios

são utilizados nas atividades de parteiras e benzedeadas? 3) Qual importância dos saberes populares das parteiras e benzedeadas para o contexto atual da comunidade? Mediante tais indagações se organizou os objetivos da pesquisa, a saber:

## **1.1 OBJETIVOS**

**Geral:** Analisar os saberes populares no trabalho das mulheres parteiras e benzedeadas, as plantas medicinais por elas utilizadas e a importância dessa prática para os moradores de Mapiraí de Baixo.

### **Específicos**

- Identificar os processos de aquisição dos saberes populares das parteiras e benzedeadas da comunidade.
- Averiguar quais as plantas medicinais mais utilizadas nas atividades das parteiras e benzedeadas.
- Verificar a importância dos saberes populares das parteiras e benzedeadas para o contexto atual da comunidade.

Definidos tais encaminhamentos da pesquisa se realizou a organização dos procedimentos metodológicos da pesquisa primando por uma pesquisa participante, e para exposição dos resultados evidenciado no referido estudo é que decidiu por estruturar o texto que ora se apresenta a partir de alguns desdobramentos que levam a refletir sobre a temática em tela.

## **2. METODOLOGIA DA PESQUISA**

Vale dizer, que a presente pesquisa se desenvolveu na comunidade ribeirinha de Mapiraí de Baixo, distrito de Porto Grande, localizada a distância de uma hora e trinta minutos da sede do município de Cametá Pará, às margens do rio Tocantins e contou com a participação de sete mulheres moradoras da comunidade ribeirinha pesquisada.

O estudo em voga, inserem-se no contingente de uma abordagem qualitativa. Segundo Minayo (2003, p.16) a pesquisa qualitativa é o caminho do pensamento a

ser seguido, ocupa o lugar central no interior das teorias e trata-se basicamente do conjunto de técnicas a ser adotada para construir uma realidade. Acrescenta a autora que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 1992, p. 22).

Uma abordagem qualitativa tem inserção na realidade buscando aprofundamento nos fenômenos sociais. Assim sendo, para a construção desse artigo utilizou-se pesquisas bibliográficas e de campo, com utilização das técnicas de observação e entrevistas semiestruturada, que segundo Triviños (1987, p.154) os métodos e as técnicas de coletas de dados exigem uma atenção especial do pesquisador enquanto observador, e as anotações do campo de pesquisa. A pesquisa permitiu conhecer mais sobre o trabalho das mulheres parteiras e benzedeiras os quais serão descritos no decorrer deste estudo.

A coleta dos dados se deu por meio das leituras bibliográficas, observação participante da realidade, entrevistas e transcrições das informações que foram adquiridos com uso do diário de campo, registros fotográficos, aplicação de questionário com perguntas elaboradas, e gravador de voz do celular. Participaram da pesquisa: uma parteira, uma agente comunitária de saúde, uma benzedeira e mais cinco mães.

Os registros das informações ocorreram nos meses de março a junho de 2023 na comunidade ribeirinha de Mapiraí de Baixo, com sete mulheres, cujas entrevistas foram realizadas em suas residências, em dia e horário combinados antecipadamente. As entrevistadas autorizaram a pesquisa através da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido e a autorização do uso de imagens.

O método de análise dos dados foi a análise descritiva e foram utilizadas como referenciais teóricos vários autores, como Pinto (2010, 2012); Borges e Santos, (2008); Molina, Caldart, Freire (1996); Minayo (1992, 2003); Escobar (2005); Fernandes, Diegues, Lüdke e André (1986); Hage, Cruz e Silva (2016); Rodrigues (2006), Triviños (1987) e outros. Segundo Severino (2007, p.234) “a metodologia é o caminho que o pesquisador percorre para realizar a pesquisa.

A função da pesquisa além de formar um pesquisador, mas de produzir novos conhecimentos e prepará-los para a relação teoria/prática”. A metodologia utilizada, contribuiu com os achados dos dados da pesquisa favorecendo na organização textual com as análises e reflexões dos resultados, referente aos saberes das parteiras e benzedeadas.

E para melhor compreensão desse processo histórico relacionado ao trabalho das mulheres parteiras e benzedeadas a pesquisa foi dividida em tópicos atendendo o resultado dos objetivos pesquisados, que assim foram definidos: os processos de aquisição dos saberes populares das parteiras e benzedeadas da comunidade; as plantas medicinais no trabalho das parteiras e benzedeadas; a importância dos saberes populares das parteiras e benzedeadas para o contexto atual de uma comunidade ribeirinha.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistadas sete mulheres, além de uma parteira e uma benzedeadas, cinco mães que tiveram a ajuda das parteiras e benzedeadas no parto e na cura de doenças, utilizou-se nomes fictícios para todas as entrevistadas, para a parteira e a benzedeadas foi escolhido nome de flores e as cinco mães foram identificadas com nome de rosas. Para a entrevistada 01, a parteira, utilizou-se o nome fictício Flor de girassol; para a entrevistada 02, a benzedeadas, Flor de cravo; para as entrevistadas, mães, 03 Rosa vermelha; 04 Rosa amarela; 05 Rosa verde; 06 Rosa branca e a 07 Rosa rósea e assim preservando a identidade de cada uma.

No quadro abaixo estão elencados a faixa etária das entrevistadas com variação entre 23 e 79 anos, a maioria são aposentadas, também é importante ressaltar que a entrevistada dona Flor de girassol, além de parteira, exerce a profissão de agente comunitária de saúde e da pastoral da criança.

Quadro 01- Perfil das mulheres entrevistadas.

Nº	ENTREVISTADAS	PROFISSÃO	IDADE	PERÍODO QUE EXERCE A PROFISSÃO
1	Flor de Girassol	Parteira, enfermeira, agente comunitária de saúde e da pastoral da criança	79	35 anos de parteira, 26 anos de ACS 29 anos de pastoral da criança;
2	Flor de Cravo	Benedeadas	71	59 anos

3	Rosa Vermelha	Mãe de 18 filhos/as e pescadora/aposentada	67	Aposentada há 12 anos
4	Rosa Amarela	Mãe de 11 filhas/os, extrativista, pescadora e aposentada.	63	Aposentada há 7 anos e 2 meses
5	Rosa Verde	Mãe de 09 filhos/as, lavradora aposentada	58	Aposentada há 3 anos e 5 meses
6	Rosa Branca	Mãe de 07 filhos, pescadora	44	Pescadora há 26 anos
7	Rosa Rósea	Mãe de 03 filhos	23	Pescadora há 5 anos

Fonte: Autora, 2023.

Ao observar o quadro acima, identifica-se que a faixa etária das mulheres que participaram da pesquisa varia entre 23 e 79 anos. Observou-se que todas apresentam múltiplas identidades e a maioria delas utilizaram os saberes das parteiras e benzedeiros para cuidar de seus filhos.

### **3.1 OS PROCESSOS DE AQUISIÇÃO DOS SABERES POPULARES, DAS PARTEIRAS E BENZEDEIRAS DA COMUNIDADE**

A Ilha Mapiraí de Baixo passou a ser habitada segundo relatos dos moradores mais antigos, em 1700, e seus primeiros habitantes vieram de vários lugares como: África; Bahia, Turquia, e eram escravos e mercadores que vieram fugidos e passaram a habitar essas terras. Outros vieram de lugares próximos como: Baião, Vila Moiraba e trouxeram consigo uma variedade de saberes como das benzedeiros, parteiras, cozinheiras, pescadoras, lavradoras etc.

Desde 1700 quando a comunidade passou a ser habitada se destacaram vários homens e mulheres como benzedeiros(os) destacando-se as mulheres como pretendentes ao serviço de parteiras. Elas obtiveram esses saberes tradicionais por meio da oralidade dos antepassados que foram passados de geração a geração, conforme relata a entrevistada.

Minha mãe contava que alguns ia passando de mãe pra filha, de pai pra filho, e as parteiras aprendiam observando a mãe ou a avó, as benzedeiros tinham umas que já nasciam com o dom. Assim como tinha homem tinha mulher também. Há algum tempo eles eram muito procurados pra curar as pessoas, tinha gente que vinha de muito longe trazer seus filhos pra ser curado (Rosa Amarela, Abril, 2023).

O aprendizado, normalmente, segue caráter hereditário, ou seja, a filha de uma parteira acompanha sua mãe no atendimento às mulheres em trabalho de parto auxiliando-a de acordo com as necessidades, possibilitando, assim, após algum tempo de prática o aprendizado para continuidade do ofício. Isso é um pensamento que se evidencia nas expressões exposta pela entrevistada.

De acordo com Nascimento (2013, p.239), o conhecimento nascidos e transmitidos pela cultura popular encontram-se atualmente na classificação de Etnoconhecimento que “são saberes, tradições(cultura) passado de geração a geração nas comunidades tradicionais, aprendidos com a vida cotidiana e a interação direta com o meio que os cerca e seus fenômenos naturais”. O fato segue nas evidências de outra participante da pesquisa que assim retrata:

Minha avó era parteira e eu acompanhava ela no trabalho observando o que ela fazia, e eu via a necessidade que a comunidade tinha para acessar os recursos da área da saúde então eu busquei me aprofundar mais e ajudar os moradores da minha comunidade, então como já fazia parte da pastoral da criança, fui escolhida pela comunidade para participar de um estágio, e como já tinha conhecimentos, fui participar durante quatro anos do estágio para enfermeiras no hospital da cidade oferecido pela Prelazia de Cameté, fui para aperfeiçoar esses saberes. Quando voltei trabalhei voluntaria durante vinte e seis anos, realizando partos e curativos. E antes percebia que as pessoas tinham um certo preconceito por eu não ter um diploma, eles não acreditavam no meu trabalho, eles entendiam que o fato de observar minha mãe fazendo eu não tinha conhecimento (Flor de Girassol, Abril, 2023).

A parteira entrevistada relatou que sua avó era parteira e começou observando o que sua mãe fazia e assim ela também aprendeu, mas além desses saberes adquiridos, ela quis apreender técnicas que facilitariam suas práticas e seus conhecimentos adquiridos por meio da observação e de cursos formativos no serviço de parteiras, que eram oferecidos pelo movimento da teologia da libertação da igreja católica. Contudo, narra a senhora Girassol, que embora tenha buscado ampliar seus conhecimentos sobre o trabalho que exercia na comunidade, ainda assim, sofreu preconceito de uns, por não ter diploma.

Observa-se através desse depoimento que mesmo antes de participar do estágio ela já adquiria conhecimentos através da observação. Pinto (2010, p. 205) condiz que as populações tradicionais acumulam, através de gerações, um profundo conhecimento sobre o ambiente que as cerca, baseando-se na observação direta dos fenômenos e elementos da natureza e na experimentação empírica do uso dos

recursos naturais disponíveis. Os conhecimentos tradicionais são baseados em observações e imitações continua.

A assistência ao parto, historicamente, era reservada às mulheres, realizada por parteiras experientes e cujo saber havia sido construído pelas gerações anteriores e transmitido através da oralidade. As parteiras tradicionais que atualmente ainda atuam nas comunidades rurais, indígenas e quilombolas, são a manifestação viva desta história, mantendo e renovando através da prática o conhecimento gerado por centenas de anos.

Mulheres desde sempre têm sido curadoras. Elas eram as doutoras e anatomistas não licenciadas da história do ocidente. Elas foram abortionistas, enfermeiras e conselheiras. Elas eram farmacêuticas, cultivando ervas medicinais curativas e compartilhando os segredos de seus usos. Elas eram parteiras, viajando de casa em casa, de vila em vila. Por séculos mulheres foram médicas sem certificados, impedidas de acessar livros e palestras, aprendendo uma com a outra, e transmitindo a experiência de vizinha para vizinha e mãe para filha. Elas eram chamadas "mulheres sábias" pelo povo, bruxas ou charlatãs pelas (Pinto, 2002, p.424).

As mulheres parteiras não possuem diploma profissional de alguma área da saúde, mas não mediram esforços em ajudar o povo da comunidade em que residem, ao aprender umas com a outras conseguiram realizar seus trabalhos de maneira eficaz e satisfatória com o nascimento de muitas crianças, bem como curando e ajudando várias pessoas da localidade.

Desse modo, podemos dizer, que seus saberes foram adquiridos por meio da curiosidade inerente a ser humano, que levou tais mulheres a observação, a participação em alguns cursos de formação na área da saúde e a prática cotidiana das atividades de parteiras e benzedadeiras locais. Vale mencionar que no exercício das atividades da cultura popular, as parteiras e benzedadeiras se apropriaram de uma variedade de conhecimentos vindo das plantas medicinais para auxiliar no trabalho por elas desenvolvidos, como retrata o próximo item da pesquisa

### **3.2 AS PLANTAS MEDICINAIS NO TRABALHO DAS PARTEIRAS E BENZEDEIRAS**

Nos trabalhos das parteiras e benzedadeiras as doenças como dor de cabeça, febre, gripe, diarreia, anemia e outras doenças, são curadas com ervas medicinais extraídas da natureza, que de acordo com os estudos já desenvolvidos, "é a união da ecologia humana com a antropologia resultando na Etnobiologia" Begossi (1993) *apud*

Ribeiro, Melo e Bezerra, (2009, p.564) pondera que ‘a Etnobiologia pode ser entendida como campo de pesquisa (científica) transdisciplinar que estuda os pensamentos (conhecimentos e crenças), sentimentos e comportamentos que intermediam as interações entre as populações humanas que os possuem e os demais elementos dos ecossistemas que as incluem, bem como os impactos daí decorrentes’.

As parteiras e benzedadeiras utilizam as plantas medicinais que são cultivadas por elas e pelas demais mulheres da comunidade local, obtém a sabedoria popular de cultivar as ervas medicinais por meios de seus antepassados. As ervas são cultivadas em girau, uma espécie de tabuleiro, que são construídos suspensos, haja visto, que se trata de um território de várzea, onde há decorrência da maré. Como mostra na imagem abaixo, um girau construído por uma moradora da comunidade que cultiva diversas espécies para seu uso diário e para vender.

**Figura 01:** Girau de madeira com plantas medicinais



Fonte: Autora, 2023

Como podemos observar na figura, as diversas espécies são cultivadas em pequenos paneiros<sup>3</sup> que são construídos de forma artesanal pelas mulheres. Cada

---




<sup>3</sup> Paneiro é uma espécie de cesto construído de forma artesanal utilizando a tala da palmeira chamada Buritizeiro (*Mauritia flexuosa*), planta típica da região Amazônica e possui diversas utilidades.









espécie é cultivada em um paneiro e colocada no girau onde recebe o devido cuidado de manejo.

As benzedadeiras realizam a benzeção utilizando galhos de arruda (*Ruta graveolens*), vassourinha (*Scoparia dulcis*) e catinga (*Tanacetum vulgare*) e o ramo deve conter sete galhos, que são colhidos pela benzedeira. O benzimento é feito de acordo com o mal atribuído e a pessoa se senta diante da benzedeira e ela realiza a oração, fazendo o sinal da cruz com o ramo de ervas sobre a cabeça do doente. Nas rezas são utilizados vários tipos de orações na linguagem popular misturado com latim. Essas rezas atendem a diversos tipos de necessidade além de buscar para conflitos familiares, do corpo e da alma. As plantas utilizadas no trabalho das benzedadeiras estão listadas no quadro apresentado a seguir.

No quadro 02 abaixo estão listados os nomes populares e científicos das plantas mais utilizadas no trabalho das parteiras e benzedadeiras, a parte da planta utilizada com imagens ilustrativas e sua aplicabilidade.

Quadro 02- As plantas medicinais que são mais utilizadas no trabalho das parteiras e benzedadeiras

NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	FOTO ILUSTRATIVA	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	APLICABILIDADE (PARA QUE SERVE)
Vassourinha	<i>scoparia dulcis</i>		Caule e folhas	Utilizada para benzer, fazer banho para alergias no corpo, asma, bronquite, catarro pulmonar, coceiras, cólicas, constipação, corrimento vaginal, diabete, digestão lenta, dor no ouvido
Veronica	<i>Veronica officinalis</i>		Casca	Usado como banho de asseio e cicatrizante, anti-inflamatório para mulheres de parto, ajuda na digestão e sensação de inchaço no estomago.
Arruda	<i>Ruta graveolens</i>		Caule e folhas	Serve para distorções facial, benzer, fazer pomadas para dores nas articulações e machucados, chá calmante, infusão, e usar um pequeno galho atrás da orelha ou no cos da roupa serve para prevenir mal olhado e dor na cabeça.

Palmito do açazeiro	<i>Euterpe oleracea</i>		Arvores novas	Serve para retirar o caldo e colocar em cortes profundo para cessar o sangue
Borboleta	<i>Clerodendron ugandense</i>		Raiz	Fazer banho para desinchar as pernas das mulheres gestantes quando estão próximas para ganhar o bebê
Goiabeira	<i>Psidium guajava L.</i>		Casca e folhas novas	Usada para curar diarreia, intoxicação alimentar, calmante para vômito
Caju do mato	<i>Anacardium occidentale L.</i>		Casca da arvore	Usado para curar diarreia, cicatrizante anti-inflamatório
Limoeiro	<i>Citrus limon L.</i>		Folha	Para eliminar alergias externas no corpo, chá calmante
Jenipapo	<i>Genipa americana</i>		Fruto	Licor do jenipapo com mel de abelha para curar anemia e reduz colesterol
Pirarucu branco	<i>Kalanchoe pinnata</i>		Folha	Lambedor para retirar catarro do peito, e o chá para curar gastrite
Pariri	<i>Arrabidaea chica</i>		Folha e caule	O chá cura anemia, anti-inflamatório, antibiótico natural, protege o fígado, pressão alta, cicatrizante de feridas

Catinga	<i>Tanacetum vulgare</i>		Folha, caule e raiz	Trata problemas respiratórios e dores de cabeça, anti-inflamatório, também é uma planta considerada uma planta poderosa para ajudar afastar energias negativas e proteger contra forças malignas. Usada e banho de cheiro e perfumes caseiros.
Malva-rosa	<i>Pelargonium graveolens</i> sp.		Folha, caule e raiz	Usada para banhos, diminui os efeitos da TPM e do estresse, antibacteriana e expectorante.
Hortelã	<i>Mentha crispata</i>		Caule, folha e raiz	Usado para fazer chá para crianças recém-nascidas que apresentam gases, ajuda na respiração, alívio de cólicas menstruais, renite, resfriados, asma, dores de cabeça

Fonte: Autora, 2023

As parteiras e benzedeiros também possuem suas especificidades, utilizando recursos extraídos da natureza como por exemplo as plantas para fazer os remédios para curar as doenças como diarreia, anemia, desnutrição etc. São diversas espécies de cascas e ervas para fazer chás, curativos, anti-inflamatórios e outros, como expõe uma participante da pesquisa:

Elas utilizam muitos remédios, pra qualquer doença elas tem uma solução, é chá, é banho, é pomada caseira, é garrafada. Elas fazem chá de ervas, de casca de pau. Pra alergia no corpo elas ensinam pra fazer o banho da folha de limão, pra diarreia o grelo da goiabeira e casca de caju do mato: tem o xarope de cupim pra curar tosse; licor de jenipapo pra curar anemia; tinha a casca do ovo de galinha ou de pata que era muito usado, fazia o farelo (lavava a casca e colocava pra enxugar, depois triturava bem até ficar só o pó) ai misturava no alimento das crianças desnutrida, aquelas sabe, que tava com peso baixo, e sempre as mãe era orientada pelas mulheres da pastoral da criança pra dar pros seus filhos e as crianças se recuperam muito rápido (Rosa Verde, Abril, 2023).

Na história de vida da maioria das mulheres da região da Tocantina, o trabalho tem um lugar de destaque conforme suas necessidades, jamais se curvam diante das dificuldades, do esforço físico, nem dos perigos, como é o caso de dona Maria e Dona Nita, já falecida, mas também lembrada pelas colegas de trabalho, que mesmo

estando impossibilitada de andar há treze anos, cuidou de muitos doentes da comunidade e veio a falecer em dezembro de 2019.

A entrevistada Rosa vermelha, conta que na comunidade existia a Dona Maria, uma mulher muito conhecida por suas experiências e dedicação: 'aquela mulher. Se viesse alguém com ferrada de arraia por exemplo, bastava ela misturar alguns ingredientes e passava no local e logo passava a dor, injeção então, nem fala, a gente nem sentia quando ela aplicava, quando via já estava passando o algodão no local, ela era muito procurada, pra toda doença ela tinha um remédio. Tinha uma mão abençoada. Quando ela ainda andava, ela trabalhava na pastoral da criança na comunidade, ela ensina e cuidava das crianças, tinha um remédio muito conhecido que as mulheres da pastoral faziam da casca do ovo da galinha de quintal ou de pata, pegava a casca do ovo e secava pra fazer farinha e colocava no alimento das crianças que estavam com baixo peso'. (Rosa Vermelha, Abril, 2023). Outra participante da pesquisa comenta:

Tinha a dona Nita, que também já se foi. Nossa, uma vez foro levar uma criança pra ela, a criança já tava morta, pra ela já tava até em cima da mesa esperando o caxão, já tava chegando gente os parentes e vizinhança já tinha sido avisado e a casa tava enchendo de gente. Ai alguém perguntou se tinha levado pra ela, ai a mãe disse que não ai fizeram a última tentativa, levaro pra ela e ela fez a reza e dava parmada no rumo da bunda da criança e aí a criança de cabeça pra baxo e dava parmada e quando já num tinha mais esperança, na última parmada, a criança chorou e não é que viveu a criança e ta até hoje o rapaz, com 22 anos pra contar história, nunca esqueci não dá pra esquecer. Tem coisas que num dá pra esquecer é pra toda vida (Rosa Amarela, Abril, 2023).

Os moradores da comunidade e colegas de trabalho das parteiras e benzedeiros reconhecem o valor que elas detêm e por meio da oralidade repassam seus saberes para as gerações futuras e fazem diferença no tratamento de algumas enfermidades do povo da sua comunidade. Uma entrevistada, relata:

Tinha noite que o homem vinha me buscar, a qualquer hora da noite, a remo que a mulher tava cum dor, aí eu ia e chegava lá, já tava nu quarto me esperando, já tava na hora e pedia pra Deus me ajudar no parto. Ai começava a aumentar a dor ai eu mandava fazer as força devagarinho, é uma dor que só a mulher na hora pode dizer, tem que ser devagarinho senão num tem mulher que agunte, é muita dor (Flor de Girassol, Abril, 2023).

Os conceitos dados a elas não definem suas especificidades pois só elas sabem distinguir os valores da sua cultura e de seus saberes. Utilizam em suas atividades uma variedade de plantas extraídas da natureza, como por exemplo a

vassourinha (*scoparia dulcis*) e arruda (*Ruta graveolens*) são plantas típicas utilizadas nos rituais das rezas. Nos trabalhos das benzedeiros as doenças como dor de cabeça, febre, gripe, diarreia, anemia e outras doenças eram curadas com plantas medicinais extraídas da natureza, assim expressa uma participante da pesquisa:

Além desses remédios que eu utilizo para benzer as pessoas, utilizo também outros para curar as doenças, só remédio tirado da natureza. Para curar anemia e tosse faço o xarope de cupim misturado com mel de abelha (anemitose), o farelo da casca do ovo de galinha de quintal serve para desnutrição, a pomada da folha de arruda serve para massagens e colocar no local machucado, a casca e o grelo da goiabeira servem para curar diarreia, para tirar catarro do peito faço lambedor de pirarucu branco, as folhas da arruda é utilizada para chá calmante e para infusão deixando uma porção em um pouco de água, pode usar atrás da orelha, no cós da roupa ou no ambiente, um galinho só é bom levar para espantar mal olhado, a vassourinha é ótimo pra asma, bronquite, brotoeja, catarro pulmonar, coceiras, cólicas, constipações, corrimento vaginal, diabete, digestões lentas, dores de ouvido (Flor de Cravo, Abril, 2023).

No depoimento da segunda entrevistada destaca que os povos tradicionais como as parteiras e benzedeiros exercem suas atividades constituindo uma dependência com a natureza. Ao destacar a importância das mulheres nas atividades como parteiras e benzedeiros investiga-se, baseado em autores, como foi e continua sendo tratada historicamente e a sua importância como sujeitos da história e qual seu lugar de fala atualmente.

Escrever sobre a história das mulheres significa apresentar fatos pertinentes, ideias, perspectiva para todos que buscam refletir o mundo contemporâneo ou procurem nele interferir. Trata-se de focar a mulher através das tensões e contradições que se estabelecem em diferentes épocas, tempos e sociedades (Rodrigues, 2006, p.02).

Há pouco tempo a mulher eram “educadas” somente para exercer o papel de donas de lar, eram pouco valorizadas na sociedade. Atualmente, a mulher exerce muitas funções que antes só eram executadas pelo homem e está à frente de grandes pesquisas tecnológicas e científicas mostrando sua capacidade. Mas vale ressaltar que, nem sempre foi assim, apesar de hoje ocupar um lugar de reconhecimento significativo na sociedade, os espaços por elas ocupados são resultados de muitas lutas e resistências à tantas perseguições existentes desde as sociedades mais antigas.

### **3.3 A IMPORTÂNCIA DOS SABERES POPULARES DAS PARTEIRAS E BENZEDEIRAS PARA O CONTEXTO ATUAL DE UMA COMUNIDADE RIBEIRINHA**

Os saberes populares das parteiras e benzedadeiras são de suma importância para os moradores da comunidade de Mapiraí de Baixo pois com sua sabedoria popular elas realizam partos e curam doenças das pessoas que ali habitam, principalmente as mulheres que com a ajuda de ambas puderam ter e cuidar de seus filhos. Assim relata uma das mães entrevistadas que teve seus dezoito filhos, todos com a ajuda da parteira e nos momentos de doenças foram cuidados pelas benzedadeiras.

Sou mãe de 18 filhos, parto normal em casa e com a ajuda da parteira e quando meus filhos/as adoeciam eu buscava ajuda das benzedadeiras. Pra mim elas são muito importantes elas ajudam na saúde das pessoas, as parteiras já ajudaram muitas mulheres, eu mesma tive 18 filhos e tudo de parto normal e a tia Maria pegou tudo os meus filhos. E graças a Deus não tive nenhum problema estão todos vivos graças a Deus e a ajuda delas. (Rosa Vermelha, Abril, 2023).

É possível perceber nas falas das mulheres mães que foram atendidas pelos serviços das parteiras gratidão e satisfação, principalmente porque, os hospitais ficam muito distantes das comunidades rurais. Com essa narrativa, se nota um olhar descritivo a respeito da importância que essas mulheres tiveram e tem por meio dos seus ancestrais, para diversas mães de uma localidade ribeirinha. Para Brenes (2005, p.07):

Por milênios a arte de partejar e os cuidados com a gestante e o recém-nascido foram atividades eminentemente feministas. As mulheres em trabalho de parto eram ajudadas por outras mulheres, que podiam ser do seu ambiente mais próximo (parentes, vizinhas ou amigas), ou parteiras, mulheres reconhecidas pela sua experiência ou competência para tal acompanhamento.

As mulheres parteiras e benzedadeiras desempenham múltiplos papéis sociais dentre os quais podemos citar: chefe de família, líderes de organizações populares, mães, comadres, tias etc. Cuidam das plantações, da colheita dos frutos, carregam e ainda encontram tempo e coragem para cuidar das pessoas da comunidade. Isso é explícito na afirmação que diz:

Além de benzedeira, sou mãe, avó, dona de casa, planto, participo dos grupos das pastorais comunitárias, de tudo faço um pouco. Eu vou a qualquer hora, de dia de noite, não peço nada em troca e fico feliz por ajudar as pessoas da minha comunidade e sei que eu tirei elas do sacrifício de ir pra cidade, só vai

se for um caso muito grave que num dei pra resolver aqui (Flor de Cravo, Abril,2023).

Dona Flor de Cravo em sua fala destaca as múltiplas funções que exerce diariamente, e a qualquer hora que precisavam de sua ajuda, estava sempre disposta e na maioria das vezes, ia sem pedir nada em troca, pois seu objetivo principal era salvar vida. As narrativas destas mulheres são repletas de solidariedade pelo próximo. Percebe-se que há uma grande preocupação e dedicação por parte destas mulheres parteiras e benzedeadas em cuidar das pessoas, como podemos observar nas falas de uma das mães entrevistadas:

Quando me dava dor meu marido ia buscar a parteira, a tia Maria, era à remo, ia boca da noite quando tava começando a dor e ela passava a noite toda esperando a criança nascer, isso era lá pra de madrugada. Hoje sou mãe de 18 filhos, tudo de parto normal, em casa e com a ajuda da parteira. Pra mim elas são muito importantes porque elas ajudam na saúde das pessoas. As parteiras, elas já ajudaram muitas mulheres, eu mermo tive 18 filho e a tia Maria pegou tudo, e estão tudo vivo com a graça de Deus, não tive nenhum problema (Rosa Vermelha, Abril, 2023).

As parteiras e benzedeadas são pessoas comprometidas com a realidade a sua volta. Por meio de rituais, abraçam quem precisa de seus serviços, acolhendo a carência humana dentro do contexto real da necessidade. Mas essas duas formas de cuidar, realizar partos e benzer, segundo Borges (2008) aos olhos da racionalidade da ciência, estão impregnadas de desqualificação, marginalização, opressão e encontram-se silenciadas ou ocultas e a mulher sempre foi vista de forma inferior ao homem. Um estudo produzido por English e Erhenreith relatam:

Como uma “campanha de terror promovida por homens das classes dominantes contra mulheres camponesas, estas mulheres detinham conhecimentos na arte da cura e da obstetrícia, um conhecimento empírico fundamentado em séculos de observação e experimentação, sistematizado e transmitido oralmente de mulher para mulher. Parteiras e curandeiras, o povo se refere a elas como “mulheres sábias”, seu poder de cura e sua influência são parte da cultura do povo. Para a igreja e o Estado elas representavam uma ameaça, pois além de serem lideranças políticas e religiosas nas comunidades, seus saberes estavam relacionados com o universo desconhecido e temido da sexualidade feminina. Durante os séculos pelos quais se estendeu a inquisição as mulheres continuaram a exercer sua medicina, coexistindo com a recém surgida classe de médicos profissionais (English e Erhenreith,1973, p.04).

Nesse período as mulheres eram perseguidas por homens das classes dominantes, mas em meio a tantas perseguições detinham conhecimentos populares

relacionados à cura de inúmeras enfermidades que para a classe dominante entendiam como uma ameaça para a sociedade.

Muitas pessoas por desconhecerem a importância que as parteiras e benzedeiras detêm por meio de seus conhecimentos, ignoram seus saberes. Para muitos, suas práticas, rituais e teóricas são carentes de comprovação e isso marcou o início da profissão médica.

Ao contrário do que pensam de mulheres de sexo frágil, são mulheres fortes, determinadas, independentes e valente lutadoras capazes de ultrapassar a chefia doméstica e ainda cuidar da saúde das pessoas sem pedir nada em troca. Mas esse tratamento preconceituoso ainda persiste. Assim a parteira entrevistada destaca o preconceito e a desconfiança que algumas pessoas tinham por ela não ter no início de seus serviços um diploma de médica profissional.

Antes eu percebia que algumas pessoas tinha um certo preconceito porque eu não tinha um diploma, eles num acreditava no meu trabalho, eles entendiam que o fato de vê minha mãe fazendo eu num tinha conhecimento. Mas ao contrário do que pensava eu tinha o conhecimento para realizar um parto, meus saber são importantes, pois é um cumprimento com duas vidas (mãe e filho) e graças à Deus nunca aconteceu nada de mal e tudo dava certo, e mermo agora com idade avançada nunca perdi uma veia e nenhuma mulher correu o risco de perder seu filho, peguei muitas crianças e fico muito feliz por isso (Flor de Girassol, Abril, 2023).

As benzedeiras, com seus saberes de cura, são protetoras da vida humana, da natureza e são detentoras de um conhecimento popular que relacionando-se de forma harmônica com a natureza, possuindo suas especificidades. Atualmente constatamos na localidade, que apenas uma parteira ainda trabalha na atividade, não realizando partos, mas aplicando soros, injeções, curativos. Ela se sente feliz por ter ajudado tanto as pessoas da comunidade. E relata que seus serviços foram prestados de forma voluntária durante vinte e seis anos e viu a necessidade que os moradores tinham no acesso ao atendimento à saúde.

Antigamente tinha muitas parteiras e benzedeiras, tanto homem e mulher, muitas parteiras curiosas, algumas cobravam outras não, mas eu trabalhei de graça sem cobrar de ninguém, as famílias saíram dum grande sacrifício de ir pro hospital, melhorou muito a vida das gestantes, na pastoral da criança eu e minhas cumadres, que já se foram, nós cuidava das crianças desnutridas, pesava e fazia tudo o acompanhamento por aqui. Eu sempre quis ser parteira tinha vontade de ajudar meu povo da minha comunidade (Flor de Girassol, Abril, 2023).

Pinto (2002, p. 445) corrobora que as parteiras ou cientificamente conhecida por obstetriz, representam um importante recurso para promover cuidados de saúde às gestantes, parturientes, recém-nascidos e familiares no sentido, de promover e preservar a normalidade do processo de nascimento, atendendo às necessidades físicas, emocionais e socioculturais das mulheres.

Hoje em dia, infelizmente esses saberes estão se perdendo, os mais jovens já não se interessam mais pelos conhecimentos dos mais velhos, eles querem coisas da modernidade, um celular com internet, coisas de outro mundo pra nós. Acho que agora a escola tem que incentivar esses jovens para que esses saberes não se percam no caminho. No nosso tempo não tinha essas coisas e nós sabia muito, nós fazia de tudo (Rosa Rósea, Abril, 2023).

Percebe-se, por meio dos relatos da parteira, que os saberes populares das parteiras e benzedeiras estão se perdendo, pois já não é praticado pelas pessoas mais jovens, não há interesse por parte deles em cultivar esses saberes. Preservar sua cultura, respeitar a diversidade, reconhecer e valorizar os povos e comunidades tradicionais são ações que manterão vivas suas identidades, suas memórias culturais.

Ao destacarmos o saber popular das parteiras e benzedeiras é para mostrar que não deve se considerar um conhecimento como único, um saber mais instruído que outro (aculturação) e sim um processo de partilha de um saber para complementar o outro a qual chamamos de enculturação, não podendo haver hierarquização de saberes.

O conhecimento científico é uma extraordinária criação do homem, que confere ao mesmo tempo poderes e satisfação intelectual, mas não é lugar de certezas absolutas, não é neutro, está misturado com as concepções de mundo que cada um traz. Não podemos permanecer cegos a outros saberes e tomar o saber científico como único e verdadeiro, neutro, imparcial, pois ele não é (Chaves, 2005, p. 19).

Os saberes de forma geral, não devem ser vistos como conhecimento pronto e acabado, com verdades inquestionáveis, com credibilidade total, os conhecimentos populares também são relevantes e merecem credibilidade social e científica e principalmente no contexto educacional.

Quando se discute os saberes da cultura, do ponto de vista educacional, defende-se que a educação deve objetivar a formação de sujeitos críticos, reflexivos, propositivos com um olhar mais amplo para a diversidade de saberes. Porque nos

territórios camponeses ribeirinhos existem diversos saberes que não são contabilizados pela ciência que trata da saúde em tão pouco a que trata da educação.

Na educação do campo compreende-se que o processo formativo deve-se partir da compreensão da necessária vinculação do modo de vida dos sujeitos envolvidos no processo, da reprodução social destes sujeitos e de suas famílias, ou seja, suas condições de vida, trabalho e cultura não podem ser submissos numa visão de educação que se reduz à escolarização.

A educação do campo valoriza os processos culturais, as estratégias de socialização e as relações de trabalho vividas pelo sujeito do campo em suas lutas cotidianas e contribui para manterem essa identidade, como elementos essenciais no processo formativo. O acesso ao conhecimento e a garantia do direito à educação para os sujeitos do campo fazem parte dessa luta. São reflexos da própria compreensão acumulada na educação do campo, da centralidade dos diferentes tempos e espaços formativos existente na vida do e no campo, nas lutas dos sujeitos que aí vivem e se organizam para continuar garantindo sua reprodução social em seus territórios (Molina; Freitas, 2011, p. 19).

O debate sobre os saberes populares na educação do campo perpassa pela valorização dos saberes presentes na cultura da comunidade e ao mesmo tempo aqueles saberes que contribuem para o fortalecimento das lutas e resistências destes coletivos. São saberes que se constituem no centro dos movimentos sociais organizados, que funcionam como os escudos para manter as identidades culturais e os saberes do povo do campo bem como as políticas públicas de direito a saúde, educação, dentre outras.

Os saberes populares das parteiras e benzedadeiras reafirmam a sua valorização nos cuidados à saúde das pessoas. Evidencia o respeito e o diálogo fortalecendo a articulação entre diferentes saberes, construindo uma ciência humana transformadora e inclusiva.

Estes coletivos camponeses possuem conhecimentos e vivem em uma relação de dependência com a natureza utilizando os recursos da natureza para as suas atividades cotidianas, conhecimentos estes que fazem diferença na vida do povo do campo que vivem em comunidades e que precisam ser valorizados e reconhecidos como sujeitos históricos, de direitos. Desse modo, é preciso pensar em política públicas de saúde em territórios camponeses, vinculando este debate a educação, pois de acordo com o pensamento de Caldart (2009, p.102),

Pensar a educação vinculada à cultura, significa construir uma visão de educação em uma perspectiva de longa duração, ou seja, pensando em termos de formação das gerações, isso tem a ver especialmente, com a educação de valores. Além de se preocupar com o cultivo da identidade cultural camponesa, precisa-se recuperar a igualdade, a justiça, a liberdade, o respeito à diversidade, bem como reconstruir nas novas gerações o valor da utopia e do engajamento pessoal a causas coletivas humanas. O trabalho e a cultura são produções e expressões necessariamente coletivas e não individuais.

Partindo desse pressuposto de que se deve pensar uma educação vinculada a cultura, as escolas têm o papel fundamental nessa transformação, formar sujeitos críticos capazes de construir novas gerações que busquem a liberdade, a justiça, o respeito a diversidade, a cultura e seus saberes e a construção de uma saúde humanizada na relação com uma educação humanamente dialógica. Se deixarmos de cuidar dos saberes da cultura popular, iremos notar o desaparecimento gradual de uma gama de saberes que o tempo trouxe para salvar muitas vidas, como relata uma participante da pesquisa:

Hoje percebemos que esses saberes não estão mais sendo utilizado como antigamente, hoje já é raro uma mulher ter filho de parto normal, já vão ter filho no hospital da cidade. Depois de mim já não tem mais parteira na comunidade. As mulheres já tem filhos só fazendo cirurgias que os médicos falo de (cesariana). Já faz um tempo que eu percebo que esses saberes estão se perdendo, já não tem muito valor, O parto normal já faz bastante tempo que não é mais realizado. Já faz um bom tempo que eu não trabalho mais realizando partos, trabalho ajudando as pessoas doentes, aplicando um soro, uma injeção (Flor de Girassol, abril, 2023).

Como dito no presente estudo os saberes das parteiras tiveram grande relevância para gerações anteriores e ainda se mantem no contexto atual para algumas famílias. Como visto no depoimento, os hospitais são mais procurados para realização de partos ou para busca de tratamento de enfermidades “comuns”. Percebe-se, por meio dos relatos, que os saberes populares das parteiras e benzedadeiras estão se perdendo, pois já não é praticado pelas pessoas mais jovens, não há interesse por parte deles em cultivar esses saberes.

Esse é um dos pontos agravantes pelas entrevistadas sobre o momento da importância desses saberes para a comunidade é a falta de interesse dos mais novos para seguir essa prática. Quando foram perguntadas a respeito dos saberes se ainda são praticados na comunidade onde 6 delas afirmam terem percebido o desinteresse. Essa preocupação é ilustrada no seguinte trecho “Ah, mudou né? Os jovens não têm

interesse em seguir o ofício eles querem seguir novos caminhos, com o avanço da tecnologia eles querem o mundo da Internet” (Rosa Branca, 2023).

A preocupação ressaltada pelas participantes é o desinteresse dos homens por essa prática, o que faz com que esses conhecimentos fiquem restritos as populações mais idosas e devido se encontrarem em idade avançada, as parteiras e benzedeadas sentem a necessidade de repassar os seus saberes para outras pessoas, pois essa seria uma forma de perpetuar e permanência de seus conhecimentos. Como destaca a parteira entrevistada: “eu me preocupo com isso porque é uma pena, os novos não estão querendo e os mais velhos, uns estão doentes outros já morreram. Precisamos que os mais novos tenham interesse, porque senão os conhecimentos morrem com a gente né? (Flor de Girassol, 2023).

Atualmente esses saberes já não estão sendo praticado com a mesma precisão, existe uma grande dificuldade em encontrar pessoas que queiram seguir esse ritual. Obsevou-se que houve uma perda da tradição cultural da comunidade local, o conhecimento que era transmitido hereditariamente se perdeu no caminho. Outro fator que tem causado a ausência das parteiras e benzedeadas é falta de interesse de seus descendentes, sem ter para quem transmitir seus conhecimentos, as pessoas perderam o interesse em cultivar esses saberes. As parteiras e benzedeadas que exerciam, o trabalho de parto e cura de doenças com seus saberes populares, atingiram uma idade avançada, adoeceram ou faleceram. Além disso, novas doenças surgiram e a medicina tradicional tem conseguido evoluir tecnologicamente, tornando-se eficaz no descobrimento de métodos de cura ajudando na prevenção e conquistando as pessoas.

#### **4. CONCLUSÃO**

Os saberes populares no trabalho das parteiras e benzedeadas analisado e observado nas e pelas participantes são responsáveis por permitir a expressão não apenas de uma identidade aut centrada (ser parteira e/ou ser benzedeadas) mas de reconhecimento e visibilidade por parte das mulheres mães da comunidade.

No processo de aquisição dos saberes populares das parteiras e benzedeadas identificou-se que desde que a comunidade passou a ser habitada, os saberes das

parteiras e benzedeadas são praticadas pelas mulheres e repassadas de geração à geração por meio da observação e da curiosidade. Essas mulheres juntamente com outras pessoas, seus descendentes, constrói e reconstrói por meio da memória oral as próprias histórias de vida, de seus parentesco e povoados. Elas se reinventam assim como reinventam os espaços sociais em que estão inseridas, os modos de trabalhar, cuidar, se divertir e festejar. São herdeiras de uma tradição cultural que vem de longe, seus saberes, poderes e experiências que dialogam entre si, suas práticas de partejar, benzer e curar, ao serem passadas para as novas gerações por meio da oralidade vão sendo desenvolvidas, ressignificadas, reinventadas e renovadas.

No que se refere às plantas medicinais utilizadas no trabalho das parteiras e benzedeadas há uma diversidade de espécies que são cultivadas e utilizadas em suas práticas para ajudar no parto e/ou na cura de várias doenças. São plantas medicinais cultivadas e extraídas da natureza

É nítido e perceptível a importância dessas mulheres com seus saberes populares para os moradores da comunidade são mulheres que aprenderam com seus antepassados a cura de doenças e a realização no parto. E com seus saberes populares ajudaram muitas famílias que não tiveram acesso à saúde pública. As parteiras e benzedeadas são mulheres tratadas com muito respeito e gratidão, não só pelas suas atividades de parteiras ou benzedeadas, mas porque desenvolvem uma espécie de transmissão e preservação de valores culturais nos locais onde atuam, cuidando da saúde do seu povo com uso de ervas medicinais. Em muitas comunidades esse é o meio de que a comunidade dispõe para tratar da saúde, uma vez que nas condições em que vivem não tem acesso às consultas com médicos especialistas, utilizam-se dos tratamentos considerados informais.

Entre as famílias moradoras da comunidade são vistas com médicas, enfermeiras, farmacêuticas, capazes de fazer aliviar com cantos, chá de ervas e rezas, as dores e os males da população que não conta com outro recurso para saúde e sem dúvida desde as primeiras conquistas pelo direito da mulher, mulher negra, mulher quilombola, mulher ribeirinha, mulheres parteiras, as mulheres brasileiras e suas descendentes registram presença na história com suas experiências repassadas através da oralidade.

Portanto, este estudo visou contribuir para o resgate e a valorização dos saberes populares das parteiras e benzedeadas na intermediação entre a teoria e a

prática (práxis) formando uma rede solidária de conhecimentos em cuidar da saúde das pessoas visando sua importância em territórios que não tem acesso a políticas públicas de saúde. Ainda é notável a falta de reconhecimento, por parte das autoridades ligadas a saúde, como pessoas prestadoras de serviços, havendo uma invisibilidade no trabalho das parteiras e benzedeadas.

Esta pesquisa intencionou apresentar algumas reflexões sobre o estudo das identidades culturais de parteiras e benzedeadas em comunidades ribeirinhas. Essas reflexões contribuem para reafirmar a identidade dos povos tradicionais como das parteiras e benzedeadas, pois elas obtêm imensa sabedoria no que se refere a cura de doença e realização de partos e uma vasta importância para as famílias moradores da comunidade.

Ao longo desse estudo percebeu-se que as parteiras realizaram seu trabalho com muito empenho e dedicação, onde a compensação recebida, se dá pela alegria da realização do parto ter sido bem-sucedido, ou da cura de alguma enfermidade por meio das plantas medicinais. É necessário e urgente, cultivar esses saberes, uma vez que estão sendo extintos da comunidade.

Com isso, propõem-se que se mantenha esses saberes populares, pois o trabalho das parteiras e benzedeadas contribuem de maneira significativa no cuidado da saúde das pessoas. E as escolas e as universidades devem ter esse compromisso de dialogar com as novas gerações e contribuir para uma ciência humanamente transformadora e inclusiva.

Fortalecer sua identidade é o ponto de partida para manter os registros da memória e resistência cultural, social ou coletiva, sobre quem você é, o que faz, ter satisfação naquilo que você faz e permanecer firme na construção, reconstrução e ressignificação dos saberes. Em especial, os saberes apreendidos através da curiosidade, da oralidade, da observação, de alguns cursos de formação que ajudaram e continuam contribuindo, para manter a saúde de pessoas que residem em territórios rurais da Amazônia paraense sem acesso necessário ao atendimento à saúde.

## 5 REFERÊNCIAS

BARENHO, Cíntia; COPERTINO, Margareth; CALLONI, Humberto. Traçando Relações Entre o Conhecimento Ecológico Tradicional e a Teoria da Complexidade. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** ISSN 1517-1256, v.20, janeiro a junho de 2008.

BORGES, Moema; **Incorporação do Saber de Parteiras e benzedadeiras às práticas de Saúde.** Universidade de Brasília-DF outubro. p.163. 2006.

CALDART, Roseli; **Elementos para Construção do Projeto Político Pedagógico da Educação do Campo.** Secretaria de Estado da Educação do Paraná. 11 de março de 2004.

HAGE, Salomão. CRUZ, Renilton. SILVA, Hellen. **Movimento da Educação do Campo no Brasil e no Estado do Pará: Uma História de Protagonismo que se Afirma no Enfrentamento à Precarização e Regulação.**2016. p. 01

HAGE, Salomão. Por uma Educação do Campo na Amazônia: **Currículo E Diversidade Cultural em Debate.** Belém. Para. 2010 (digitado).

MOLINA, Mônica; FREITAS, C. Helena. **Avanços e desafios na construção da Educação do Campo.** ISSN: 2176-6674. v.24. n.85: Educação do Campo. Brasília-DF. 2011.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes; **Vivências Cotidianas de Parteiras e Experientes do Tocantins.** p. 442. 2010.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes; Gênero e Etnicidade: **histórias e memórias de parteiras e curandeiras no norte da Amazônia.** Belém: Editora Açaí. 2012.

RIBEIRO, Simone; MELO, Nirreyne; BEZERRA, Arthur; Etnoconhecimento de Pequenos Agricultores Tradicionais sobre plantas medicinais no tratamento de dores provocadas pelo trabalho ISSN 0104-4931 **cad. Ter. Ocup.** UFSCar, São Carlos, v.24, n.3, p. 563-574. 2005.

RODRIGUES, Valéria; COSTA, Flamarion: **A importância da mulher.** São Paulo, p.28. 2006.

SEVERINO, A. Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** ed.23. rev. Atual. Cortez. São Paulo. 2007.